

A EDUCAÇÃO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA COM RELAÇÃO AO CURRÍCULO: INTERFACES DE UMA PRÁTICA

ALICE NAYARA DOS SANTOS
MESTRANDA EM EDUCAÇÃO-UFC/BOLSISTA FUNCAP
Alicesantos.ufpi@gmail.com

RESUMO

Analisar a concepção dos docentes de geografia sobre currículo e assim inferir sobre sua prática em sala de aula, constitui o objetivo principal do presente trabalho. De caráter qualitativo, assentado no estudo de caso e fortalecido por teóricos como André (2005) e Gil (2009). Utiliza-se como principal aporte teórico: Sacristán (2000), Moreira e Silva (2001); Silva (1999), quando nos referimos a currículo e Castelar (2006) e Sacramento (2007) quando se reporta ao currículo de geografia. O texto apresenta-se partes que convergem, a saber: introdução, teorização sobre currículo e currículo de geografia, análise dos achados da pesquisa e considerações finais. Detectou-se que os docentes de geografia ainda entendem currículo como uma simples grade curricular de disciplinas, não fazendo ligações com as atuais discussões sobre currículo, mesmo que estes tenham se formado em geografia em um intervalo de tempo - recente de cinco anos-, mostrando assim a fragilidade da educação que construíram dentro das suas graduações na temática em questão.

Palavras-chave: currículo, currículo de geografia, educação docente.

INTRODUÇÃO

“Dizem-me que, para instruir, é necessário conhecer aqueles que se instruem. Talvez. Mas bem mais importante é, sem dúvida, conhecer bem aquilo que se ensina.”

Alain

O artigo aqui apresentado faz uma reflexão sobre as concepções de currículo dos docentes de Geografia no Ensino Fundamental, especificamente de um grupo de professores de uma escola estadual da região metropolitana de Teresina-Pi.

Almeja-se com isso refletir como suas concepções de currículo influem diretamente na sua prática docente e como está intrinsecamente relacionada com a educação construída na universidade. A pesquisa aqui apresentada revela facetas preocupantes no ensino de geografia e na educação de professores nas academias de nível superior.

Utilizamos aqui o termo educação de professores ao invés de formação de professores por entendermos assim como Suertegaray que:

Ouvem-se hoje, muitas críticas à ideia de formação de professores, à medida que formar significa enquadrar, colocar no formato. Entretanto se pensarmos a educação como sistema educacional, à maneira expressa por Maturana (1994), para que a educação formal “configura um mundo e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação”, tem-se um formato. (2009, p.29)

Em consonância com essa postura, nos reportamos ao longo do texto como a educação de professores ao invés de formação, por entendermos as dificuldades dos docentes em realizar uma transposição didática da educação que construíram, com a educação que estão oportunizando aos seus educandos nas salas de aula, especificamente aqui os educadores de geografia.

O texto aqui apresentando é de uma pesquisa de viés qualitativa, especificamente na modalidade estudo de caso por entendermos que estudo de caso é:

(a) mais concreto; (b) mais contextualizado; (c) mais voltado para a interpretação do leitor - os leitores trazem para os estudos de caso as suas experiências e compreensões, as quais levam a generalizações quando novos dados do caso são adicionados aos velhos; (d) baseado em populações de referência determinadas para o leitor - ao generalizar os leitores tem certa população em mente. (STANKE *apud* ANDRÉ, 2005).

Assim o estudo de caso é indutivo, porque a interpretação do leitor e a sua familiarização com o caso tornam-se um elemento importante da pesquisa. Stake (*apud* André, 2005, p.36) destaca que o que define um estudo de caso não é o método específico, mas o tipo de conhecimento gerado: [...] “estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado”. Uma questão fundamental segundo ele é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso (Stake *apud* André 2005, p.16)

O aprendizado do estudo de caso pode levar o pesquisador a um processo de (dês) construção da sua abordagem, pois à medida que avança no trabalho pode voltar para rever objetivos e até construir outros, visando sempre uma análise crítica e articulada do objeto de estudo.

A partir dessas delimitações, a pesquisa principiou com um estudo bibliográfico para dar sustentabilidades às reflexões sobre os achados da pesquisa. Para coletar os dados primeiramente foram feitas entrevistas semi-estruturadas e observações registrando-se tudo em um diário de campo.

O lócus empírico da pesquisa foi uma escola Estadual de Teresina, localizada na zona sul da cidade. A escola oferece a comunidade o Ensino fundamental do 1º ao 9º ano no período diurno e Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

Os sujeitos da pesquisa foram três docentes de geografia, formados em Licenciatura Plena em Geografia há cinco anos e tem entre 7 a 5 anos de experiência no magistério. Devido à carga horária da disciplina os professores, trabalham em outras escolas concomitantes a pesquisada. Deu-se preferência há professores recentemente formados para elucidar até que ponto o que está sendo discutido na academia se materializa na sua prática docente.

Dessa forma, entender as concepções de currículo dos docentes e como traduzem suas concepções em sala de aula, na sua prática são de notável importância para a discussão acadêmica, principalmente quando falamos sobre que aluno de geografia queremos que se construa e que geografia apresentamos a eles em sala de aula. Pois o currículo é um artefato social, espacial e de poder que se torna um elemento estruturante do ensinar e aprender. Diante disso se torna relevante entender o currículo em seus aspectos gerais e como também o currículo do aluno. Assim como escreve Castelar (2006, p. 2) “A falta de compreensão do papel do currículo na formação do aluno acaba gerando muita confusão, tanto no campo da ciência quanto no da metodologia do ensino, refletindo-se na ação docente e na maneira como os conteúdos são organizados”

Com isso refletimos a seguir o currículo e o currículo de geografia com a literatura especializada no assunto, elucidando assim os aportes teóricos que ajudaram a refletir os achados da pesquisa.

1-CURRÍCULO E CURRÍCULO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES PONTUAIS

Refletir sobre currículo, não é uma tarefa fácil visto que a educação que se constrói na academia, ainda por muitos cantos desse país ainda trata o currículo como uma simples engenharia de disciplinas, as famosas grades curriculares, concepção esta que não dá mais conta dos desafios hoje postos na educação, e da maneira contemporânea que se ensina e se educa e se constrói a educação de professores. È a partir disso que vamos agora ponderar sobre currículo e currículo de geografia.

A palavra “currículo” vem do latim “scurrere” que expressa corrida, caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir. Entende-se então que no currículo, há as diretrizes do que ensinar e como ensinar e qual trajetória a seguir dentro da escola, visto que falamos aqui de currículo escolar.

Acredita-se que por essa tradução ao pé da letra da palavra currículo se emergiu

no meio educacional essa idéia de grade curricular, de algo fechado, de norma rígida a ser seguida, como se o currículo fosse um gaveteiro e dentro deste se encontra tudo que é preciso e necessário para ser ensinado e aprendido pelos alunos.

Entretanto é preciso que se leve em consideração que a palavra currículo, o termo, a concepção reflete diretamente a época, as condições sociais, o espaço e o momento histórico da sociedade a qual produz. Corrobora a isso Silva ao falar sobre o contexto em que os estudos de currículo emergem nos Estados Unidos, nas palavras do autor:

Foram talvez as condições associadas com a institucionalização da educação de massas que permitiram que o campo de estudos do currículo surgisse nos Estados Unidos, como um campo profissional especializado. Estão entre essas condições: a formação de uma burocracia estatal encarregada dos negócios ligados á educação; o estabelecimento da educação como um objeto próprio de estudo científico; a extensão da educação escolarizada em níveis cada vez mais altos a segmentos cada vez maiores da população; as preocupações com a manutenção de uma identidade nacional, como resultado de sucessivas ondas de imigração; o processo de crescente industrialização e urbanização. (SILVA, 1999. p.22)

Com isso se torna imprescindível entendermos o contexto histórico e ideológico para então refletir sobre currículo. Pois hoje não se admite mais um currículo que se restringe a conteúdos e métodos, pois currículo como já dito antes é um artefato cultural, social e espacial assim como diz Apple:

O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (2001, p.8)

Dessa forma argumentam-se como os conteúdos são selecionados por alguém, carregados de uma postura política, ideológica de certo grupo da sociedade, para outro grupo social. Daí a preponderância de hoje ao se discutir currículo, termos como norte que aluno queremos educar, para que sociedade e para que fim e a qual fim ele dará ao conhecimento recebido. Questões essas de responsabilidade de todos os agentes da escola. Visto a emergência de uma educação mais humanizadas dentro do capitalismo e das relações cada vez mais descartáveis vivenciadas no mundo de hoje.

Com o caminhar dos tempos temos concepções de currículo que permeiam do tradicional ao pós-modernismo, essas sempre refletindo, sendo tela da sociedade e das concepções ideológicas que as produziram. Com isso é claro que de uma teoria a outra o

currículo conserva o seu caráter de se tornar um artefato ideológico, produzindo pré-conceitos, isolando concepções e conhecimentos ou como muito freqüente ignorando-os. Corroborar a isso a fala de Santos citando Young (1978, p.220) em que “Currículo é uma construção e uma invenção social, o que torna necessário analisar os valores e interesses sociais que levam a inclusão e a exclusão de determinados conhecimentos nos processos de escolarização”.

Consoante a essas intenções dos que constrói o currículo é que acreditamos que hoje o currículo desempenha um importante papel em orientar a escola a construir junto com seus agentes uma educação de qualidade para alunos e professores em um ambiente de cooperação e lucidez social e com isso sejamos co-responsáveis de como nossos educandos aplicam os conteúdos apreendidos na escola.

Dessa forma Sacristán nós da um norte para elaboramos nossas questões sobre o currículo de geografia ao falar da importância de se entender uma disciplina e o seu conteúdo ele nos diz que:

As teorias desempenham várias funções; são modelos que selecionam temas e perspectivas que influem nos formatos que adota o currículo de cara a ser consumido e interpretado pelos professores tendo assim um valor formativo profissional para eles; destinam o sentido de profissionalidade do professorado ao ressaltar certas funções, oferecem uma cobertura de racionalidade às práticas escolares. As teorias curriculares se convertem em mediadoras ou em expressões de mediação entre o pensamento e a ação na educação. (2000.p, 43-44)

Com isso indagamos: Que alunos de Geografia queremos educar? Que Geografia levamos para a sala de aula? Quem escolhe os conhecimentos, os conteúdos que apresentamos aos nossos educandos? E, afinal de contas para que serve essa Geografia ensinada em sala de aula?

São muitos os questionamentos aqui e que possivelmente hoje nesse artigo, não daremos conta de todas as respostas, mas são a partir dessas inquietas indagações vamos refletir agora o currículo de Geografia.

A Geografia é uma grande oportunidade aos educandos para ver\entender\ler\agir no mundo onde estão vivendo. É uma forma única de apreender e vivenciar o mundo, de entender as relações sociais, as econômicas e as da natureza dentro de uma sociedade tão informacional como a nossa. Geografia esta com seculares conhecimentos sobre o planeta afinal de contas à própria palavra Geografia já diz, a grosso modo, estudo da Terra. Com isso se torna intrigante que uma disciplina como assim chamada na escola que estuda a Terra seja ainda considerada entre alunos e sociedade em geral como uma disciplina decoreba.

Diante disso ficam algumas questões: De quem é a culpa dessa geografia desinteressante em sala de aula? Dos professores? Dos alunos? Do livro didático? Do sistema? São muitos os culpados ou todos inocentes?

Perpassamos então a questão do currículo, que norte seria esse que estar levando desinteresse de todos esses agentes da escola? Concordamos que se currículo é “lugar, espaço, relações de poder, é documento de identidade” Silva (1999), estamos então a entender o lugar da Geografia nesse artefato cultural.

Dessa forma Sacramento nos aponta um norte ao comentar que ao se pensar e enunciar os objetivos do ensino de Geografia na escola seria talvez um caminho importante para a relevância da Geografia no ambiente educacional, nas palavras da autora:

Pensar os objetivos fundamentais de se estudar Geografia dentro da escola, de forma a intervir numa melhoria de interpretação, descrição e análise na construção de um aluno que desenvolve sua capacidade de interpretar geograficamente a realidade cotidiana de forma crítica e analítica e entenda como um ser espacial e como essa influência afeta o seu modo de socializar com a sociedade. (2007.p, 86)

Interferir diretamente no mundo, dar um caráter prático a Geografia, desconstruindo assim a disciplina enfadonha, decoreba e sem sabor dentro das disciplinas que formam o currículo formal da escola é uma maneira propositiva de trazer o interesse do alunado a Geografia, fazendo-o refletir e entender que a Geografia ultrapassa os muros da sala de aula e se configura no seu dia-a-dia.

O currículo de Geografia no Brasil foi estruturado com aspectos semelhantes ao modelo de currículo Francês, com elementos descritivos de uma geografia da cosmologia, da natureza com dicotomias entre o social e o natural. Dessa forma, uma Geografia escolar que não estava preocupada em refletir e proporcionar aos seus alunos a compreensão do mundo. Assim como muitos conteúdos em sala de aula, era uma preocupação constante de professores e comunidade escolar que aluno tenha o máximo de informação possível, sem inferências críticas sobre elas.

Com o avanço das universidades no Brasil e concomitante com as discussões de currículo e de educação, muito se pesquisou e se mudou na maneira de ver e enxergar a Geografia, entretanto todo esse conhecimento ficou restrito aos pesquisadores e pouco foi absorvido pela Geografia escolar.

Corroborar a isso a proliferação dos livros didáticos, na qual o sumário do livro se tornou o currículo, a pressão por trabalhar todo o livro didático em sala de aula, acentuou o caráter enciclopédico da geografia e o pouco interesse de aulas mais

propositivas. O livro virou manual, bíblia e pouco se atreve a discuti-lo e contestar seus conhecimentos estanques.

Isso se deve em grande parte pela falta de envolvimento dos agentes escolares na hora de elaboração do currículo escolar, entendemos agentes aqui os professores, gestores, alunos, pais, funcionários, enfim todos que fazem parte da escola. Defendemos então uma postura democrática pautada no diálogo entre todos da escola, se não for a partir desses pressupostos as conseqüências são catastróficas ao ensino como alerta Castelar:

Em várias escolas públicas ou privadas, acabam-se organizando pretensiosos currículos com listas de conteúdos considerados a partir da visão de cada membro da equipe, sem que as discussões anteriores e acadêmicas façam efetivamente parte da elaboração final desses currículos – o resultado é um envolvimento pífio por parte dos alunos nas aulas, reforçando a visão de que o currículo mais eficiente é o índice do livro didático. (2006.p, 03)

Hoje se pede uma emergência nas reformulações do currículo de Geografia, tanto o da Geografia escolar como o dos cursos superiores, pois se ensinamos como aprendemos, então porque discutir uma geografia escolar mais propositiva se ainda educamos professores de forma tradicional e estanque. Para se romper com o aluno que só memoriza, com um conhecimento que pela maneira que é apresentado para o educando não serve para seu dia-a-dia, e conscientizar cada vez mais os sujeitos, precisa-se repensar e reavaliar o currículo formal, oculto, o currículo de professores, alunos e escolas.

Assim como dito no texto, se ao “pé da letra” currículo é um caminho, precisa-se com pressa encontrar o caminho da Geografia escolar nesses tempos de informação e de deslumbramentos

2-O CURRÍCULO NO FALA E NOS DIZERES DOS DOCENTES

Nesta secção elucidaremos os discursos dos professores de geografia entrevistado na escola, é importante salientar que as entrevistas foram semi-estruturadas, e aconteceram de forma individual, dentro da escola, apresentou-se aos docentes um termo de consentimento livre e esclarecido assim como foi pedido à autorização por escrito para os registros de suas falas. Para preservar a identidade dos professores, aqui não serão revelados seus nomes, o trecho de entrevista apresentado terá apenas os codinomes –professor ou professora - dessa forma o texto apresentado traz uma síntese das reflexões feitas a partir de suas falas.

Primeiro indagou-se aos docentes, o porquê de serem professores de Geografia, a motivação para essa profissão, a resposta unânimes entre eles foi pelo fato de ser a matéria predileta na época da escola; ainda em relação a isso, disseram que mesmo com o recente envolvimento com o magistério dois dos três entrevistados afirmaram está à procura de outra profissão, pelos problemas e a desvalorização que a classe professoral vem passando nas últimas décadas.

Diante disso, falaram sobre suas concepções de currículo, é recorrente na fala de todos que currículo são as disciplinas que estão presentes na escola, e que nele estão todos os conteúdos a serem ensinados em sala de aula, para serem cumpridos durante todo o ano letivo. A fala a seguir exemplifica a fala dos entrevistados nesse momento: - *“há o currículo é aquela grade de disciplinas que todo colégio tem, são os assuntos, estou errado...”* (Professora). Inferimos dessa forma que os professores ainda possuem uma concepção de currículo tradicional, evidenciando assim uma fragilidade na educação acadêmica que construíram.

Perguntado isso, falaram então sobre a sua formação e se houve uma disciplina de teorias do currículo durante a graduação ou se em algum momento isso foi discutido na época que fizeram suas licenciaturas, os educadores elucidaram que não, e que conhece a palavra pelas reuniões com a pedagoga, e pelas explicações que acontece no período de escolha do livro didático, um dos professores comentou que *“há das disciplinas pedagógicas eu só lembro, das de psicologia e didática, mas nenhuma falou disso não”* (Professor).

A fala dos entrevistados deixa em evidência a falta de intimidade com a palavra currículo, não podemos dizer isso do artefato e do que significa currículo, por que mesmo inconsciente eles estão em contato com o currículo escolar de forma constante na escola.

Aproveitando a fala nesses termos perguntamos então o que eles compreendiam por currículo de geografia e foi bastante comum com os dizeres respondido anteriormente do que seja currículo. Para os docentes, currículo de Geografia são todos os conteúdos de Geografia dados em sala de aula, e que quem constrói o currículo de Geografia são os autores dos livros didáticos. Já que os docentes têm que cumprir o conteúdo que traz o livro durante todo o ano, indagamos então a partir disso sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia e se neles não estão o que deve ser ensinado e aprendido pelos alunos, responderam dessa forma que os livros são de acordo com os Parâmetros, então fica tudo resolvido. Pois se seguem o livro estão

seguindo o Parâmetro e assim está tudo bem.

Ao indagá-los sobre o que para eles seriam Geografia, falaram descrevendo com a própria definição do nome da ciência, ou seja, o estudo da Terra, em Geografia estuda-se tudo que esteja relacionado à Terra. As respostas eram sempre muito breves, e por mais que avançávamos nas perguntas eram todas muito parecidas. Isso reforça o pensamento de Kaercher ao dizer que:

Os nossos maiores problemas não são de conteúdos, mas sim de falta de clareza, para nós mesmos, professores de Geografia, do papel da nossa ciência. Ou a geografia se torna útil para os “não-geógrafos (nossos alunos em especial), ou ela tende a desaparecer! Ou vai continuar diluída como mera “ocupação” dos alunos com informações diversas”. Uma espécie de “programa de variedades” que fala de todos os lugares e povos diversos e distantes. Só que sem cores e sons. Chatice, portanto. (2009.p, 230)

È bastante preocupante o discurso dos entrevistados com relação a isso, pois o aprender decorre do ensinar, são ações intrincadas, se não há clareza no que se vai ensinar como querer que o aluno aprenda? O resultado são o já conhecido estereotipo de uma geografia livresca e enfadonha.

Os docentes ainda afirmaram que se fosse proposto para que eles elaborassem um currículo de geografia, eles iriam fazer através do livro didático, seguindo as recomendações dos autores. Indagamos, portanto como eles escolhem os conteúdos a serem ensinados em sala de aula, e eles responderam de acordo com a programação já que um assunto puxa o outro, assim nas palavras dos docentes.

Então pedimos que descrevesse quais os conceitos que achavam de fundamental importância para os alunos, responderam os seguintes: natureza, sociedade, espaço, território, nação, homem, meio, globalização, desenvolvimento e subdesenvolvimento, entre outros.

Diante das respostas, perguntamos se eventualmente o livro didático da qual estão trabalhando não abordasse esses conteúdos que para ele são importantes, como o trariam para a sala de aula? Responderam então que iriam pedir que os alunos pesquisassem então sobre isso, já que hoje quase todos já têm acesso à internet. As falas a seguir evidenciam bem a questão:

Ora.. Eu pediria que eles pesquisassem na internet, tá tão fácil isso todo mundo tem acesso hoje. (professora)

Eu pediria para irem atrás do assunto, passaria um trabalho de casa, coisa fácil mesmo, não da para ensinar para eles do jeito que vemos as coisas na universidade. (professor)

Indagamos então se era importante para eles construir seu próprio currículo de Geografia, já que assim não faltaria nenhum assunto que considerasse importante, a resposta foi um silêncio na sala, e nesse momento os papéis se inverteram e os entrevistados começaram então a indagar as seguintes proposições: Mas como iremos construir um currículo? Poderíamos fazer seguindo o livro didático? Talvez não saberíamos aonde procurar os assuntos para colocar nesse currículo! Sem o livro didático fica tudo mais difícil!

O apego dos docentes ao livro didático é claro e bastante preocupante, já que os livros didáticos são homogêneos e o nosso país não, então como dar conta das peculiaridades de cada região, se os professores demonstram se sentirem perdidos sem o livro?

Com isso explicou-se para eles que poderiam pesquisar os assuntos que acreditam serem importantes, assim como faziam na época de suas graduações quando seus professores passavam alguma pesquisa. Os entrevistados refletiram um pouco sobre a assertiva e de forma peculiar, disseram algo que poderia ser dito assim: pesquisar para ensinar! Um docente ainda emendou ao falar que isso daria muito trabalho.

O discurso dos docentes dito logo acima é um dos maiores desafios hoje da educação brasileira, que é cultivar uma cultura do professor-pesquisador, para que estes possam entender o fator impar que é a pesquisa para o seu pleno desempenho em sala de aula e de seus alunos. Pois é preciso conhecer para ensinar, como diz Nóvoa ao mencionar que; “o trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos á aprendizagem” (2009, p.30)

A rápida explanação da pesquisa aqui apresentada, do trato que se deu com as respostas dos agentes aqui entrevistados evidenciou em grande parte problemas a serem resolvidos para se ter uma educação de qualidade. Mas é importante deixar claro que não há a intenção aqui de culpabilizar os docentes, e sim evidenciar as nuances pela qual estão vivendo, pois aqui foi mostrada apenas uma das partes desse enorme desafio educacional que perpassa a escola mais principalmente a universidade e a primeira educação que os docentes construíram.

Pois o jogo de relações de poder, formação, local de trabalho, sujeitos, aspirações, decepções, falta de políticas públicas, graduações fráglil, falta de interesse de pais e alunos, falta de interesses de gestores e professores, falta de investimentos de forma geral são amplos por demais para se esgotarem no texto da pesquisa aqui tratado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse artigo foi elucidar as concepções de currículo dos professores de geografia do Ensino Fundamental e como se correlaciona intimamente com sua prática docente.

Diante do discurso dos docentes, inferimos que estes ainda supõem o currículo de forma bastante tradicional, limitando-o apenas as disciplinas e conteúdos. Ficou clara a falta de conhecimento deste com as novas discussões curriculares. Percebeu-se ainda o apego deste ao livro didático, utilizando-se dele para dar explicações sobre quaisquer questões que fossem indagadas sobre currículo, evidenciando assim a frágil formação que tiveram no tocante a temática, dentro de seus cursos superiores de Licenciatura.

Ficou bastante lúcido, que estes apesar de terem se formado recentemente, desconhecem as atuais discussões da Geografia escolar, limitando seus alunos ainda a um conhecimento anacrônico e cheio de dicotomias. É eloqüente o desânimo dos entrevistados com sua profissão, afetando assim, a sua vontade de pesquisar e criar.

Ademais a pesquisa ainda é vista entre os docentes aqui pesquisados como algo de estudante, restrito aos que estão na universidade, não havendo assim uma correlação desta com sua prática docente. Situação esta bem questionada já que há muito tempo nos cursos de formação de professores, já se entendem o professor pesquisador como imprescindível para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso, **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ALAIN. *Propos sur l'éducation*. Paris: Quadrige/PUF, 1ª. Edição 1932.

APPLE, Michael w. A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional? In: MOREIRA, A.F. (Org). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001,59-91p.

CASTELLAR, S. M. A Psicologia Genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELLAR, S. **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2006, p.38-50

_____. **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009

LUDKE, Menga; MARLI E. D. A. André. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, A.F.B. (Org). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001,59-91p.

_____. Repensando Ideologia e Currículo. In: MOREIRA, A.F.B. (Org). **Currículo, cultura e Sociedade**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.39-57p.

NÓVOA, António. **Professores Imagens do Futuro Presente**. Lisboa: Educa 2009.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Lucíola L.C.P. Pluridade de saberes em processos educativos. In: CANDAU, Vera Maria. **Didática, Currículo e Saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.46-59

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. **O currículo na construção do conhecimento geográfico: um estudo da ação docente de duas escolas estaduais de São Paulo**. 2007(Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**, 23ªEd, São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns Obstáculos a superar no Ensino-Aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (Orgs). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2009.221-231p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa e Educação de professores. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (Orgs). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2009.109-114p.